

# Expandindo as fronteiras da tradição: a espiritualidade na história e no processo de internacionalização do shakuhachi

## Rafael Hiroshi Fuchigami



Professor de Educação e Cultura Musical da Universidade de Música de Tóquio (TCM) e Pesquisador-Administrador do Instituto de Etnomusicologia (da mesma universidade). Entre 2021 e 2023 trabalhou como Pesquisador no Projeto “Arts Management for Traditional Japanese and Asian Music” do Ministério da Cultura do Japão. Suas áreas e temas de pesquisa são: Educação Musical, Etnomusicologia, Imigração Japonesa, Performance em Shakuhachi, Hitoyogiri (Flauta Medieval Japonesa) e Tenpuku (Flauta Tradicional de Kagoshima). Como performer de shakuhachi, atua na orquestra de instrumentos tradicionais “Pro Musica Nipponia” e também é membro da JSPN (Japan Shakuhachi Professional-players Network). Além disso, faz parte dos grupos “Sugawara-gumi”, “Ensemble Shion” e “Ensemble Kokopelli”. Em seu repertório constam músicas tradicionais, modernas e contemporâneas, música clássica e música brasileira.

Formou-se Bacharel em Flauta Transversal (2011), e Mestre em Fundamentos Teóricos (2012) pela UNICAMP, com Bolsa da FAPESP. Em sua trajetória com a flauta recebeu orientações de Renato Kimachi, Edson Beltrami, Marcos Fregnani-Martins e Sávio Araújo. Em 2013 recebeu Bolsa de Estudos da FAPESP para estudar no Japão por seis meses. A partir de 2015 foi contemplado com a Bolsa de Estudos da Nippon-Zaidan, por cinco anos, para estudar em Tóquio. No Japão, recebeu orientações de shakuhachi dos professores Kaoru Kakizakai e Kuniyoshi Sugawara. Em 2019 obteve licença de professor (Shihan) pelo The International Shakuhachi Kenshu-kan. Em 2020 tornou-se Doutor (PhD) em Música pela Tokyo College of Music (TCM).

E-mail: [fuchigami@shakuhachi.com.br](mailto:fuchigami@shakuhachi.com.br)

## Resumo

A flauta tradicional shakuhachi, atualmente difundida em diversos países, já foi concebida como ferramenta espiritual de uso exclusivo dos monges budistas Komusō (Monges do Vazio). Posteriormente, o rompimento desse monopólio, a introdução da música ocidental no Japão, a Imigração e a difusão da cultura japonesa pelo mundo, bem como a internacionalização do shakuhachi, fazem parte de um longo processo histórico, no qual a música e a espiritualidade são constantemente recontextualizadas.

## Palavras-chave

Shakuhachi, História, Espiritualidade, Internacionalização do Shakuhachi, Recontextualização

# Expandindo as fronteiras da tradição: a espiritualidade na história e no processo de internacionalização do shakuhachi

## 1. Aspectos organológicos e históricos do shakuhachi

O shakuhachi faz parte da família das flautas de embocadura livre, tal como a quena ou o *dongxiao*. O modelo padrão possui quatro orifícios na frente e um atrás, mede cerca de 54,5 cm de comprimento, tem sete nós e é fabricado com o bambu *madake*. Existe a explicação de que a configuração nodal e o número de furos representam os sete chacras e os cinco elementos da natureza.

No sistema de medida tradicional<sup>1</sup>, seu comprimento corresponde a “um *shaku* e oito *sun*”<sup>2</sup>, termo escrito com quatro ideogramas: *ichi* 一, *shaku* 尺, *hachi* 八 e *sun* 寸. O nome do instrumento se originou do segundo e terceiro ideogramas (*shaku* e *hachi*) dessa palavra. Sua afinação padrão é de 440Hz ou 442Hz, e se soprar com todos os furos tapados, a nota produzida é um Ré, logo acima do Dó central do piano.

Além do modelo padrão 1.8, há shakuhachi de tamanhos maiores (mais graves) e tamanhos menores (mais agudos). Além do tamanho, ainda há diferenças fundamentais na fabricação dos modelos *jiari* e *jinashi*. O primeiro tem o interior do tubo coberto por uma pasta chamada *ji* e pela laca *urushi*, e seu corpo se divide em duas partes encaixáveis. Com a aplicação de tais materiais, evita-se a porosidade do bambu, deixando o som mais intenso e estável, atendendo melhor às necessidades da performance. Por outro lado, nas flautas do tipo *jinashi*, em que não há aplicação de tais materiais, sua fabricação é mais elementar. Geralmente, a performance com o *jinashi* shakuhachi tem como principal objetivo o repertório de tradição monástica *Koten Honkyoku*<sup>3</sup>.

O instrumento aqui descrito é classificado como *Komusō Shakuhachi*, o mais conhecido membro da família do shakuhachi, conforme será apresentado em detalhes a seguir.

### 1.1 Shakuhachi Antigo, Shōsōin Shakuhachi ou Gagaku Shakuhachi

Fez parte da música da Dinastia Tang da China Antiga, e foi introduzido no Japão no Período

1 *Shakkan-hō* é um sistema de medida, em que um *shaku*→30,3 cm; e um *sun*→0,1 *shaku* (3,03 cm).

2 Em japonês: *issshaku-hassun* 一尺八寸, ou seja, 1,8 *shaku*. No Brasil: “shakuhachi um ponto oito”.

3 *Koten*: “clássico”. *Honkyoku*: “música original (do shakuhachi)”.



Nara (710-794), a partir da Península Coreana, juntamente com a Música Gagaku<sup>4</sup>. Foi utilizado até o início do Período Heian (794-1185), caindo em desuso posteriormente. Restaram nove exemplares originais do Gagaku Shakuhachi, entre os quais oito deles fazem parte da coleção de relíquias do Shōsōin, repositório localizado no Templo Tōdai-ji, e um deles foi preservado no Templo Hōryū-ji, ambos localizados na cidade de Nara, a antiga capital. Possuem seis furos, cinco na frente e um atrás e três nós. O comprimento varia entre 34,4 cm e 43,7 cm, e foram fabricados com bambu *madake*, marfim, serpentinita e até mesmo mármore.

## 1.2 Hitoyogiri Shakuhachi

Seu nome significa “um nó”, referindo-se à sua configuração nodal. Provavelmente se originou do Gagaku Shakuhachi. Tornou-se muito popular a partir do final do século XVI até o século XVII, porém, caiu em desuso no final do século XIX. Antes e durante o Período Edo (1603-1868) ganhou o apreço de grandes governantes e xoguns, como, por exemplo, Nobunaga, Hideyoshi e Tokugawa. Atualmente, existem pessoas restaurando, fabricando e comercializando o hitoyogiri. Tem cinco furos para os dedos, quatro na frente e um atrás, e é feito com bambu *madake*. Seu tamanho padrão *ōshikigiri* é de cerca de 34 cm.



## 1.3 Tenpuku



*Ten* significa “céu”, e *puku* (ou *fuku*) significa “sopro” ou “soprar”. Mede cerca de 30 cm e tem quatro furos na frente e um atrás. É uma flauta pertencente à Província de Kagoshima, e não se difundiu em outros locais do Japão ou do mundo. O primeiro registro acerca do tenpuku consta no Nippo-Jisho, dicionário português-japonês publicado pelos jesuítas em 1603. O tenpuku foi transmitido oralmente entre samurais de Kagoshima até a Era Meiji (1868-1912), e, atualmente, sua tradição é mantida pela Associação Tenpuku, sem ter sofrido interrupção. Existem regras rígidas em sua tradição, como, por exemplo, a proibição de se tocar peças que não sejam as tradicionais do instrumento; a proibição de realizar atividades comerciais, tais como a compra e venda de tenpuku, ou então ganhar dinheiro lecionando ou performando. Em 1990 o tenpuku foi eleito Patrimônio Cultural Imaterial de Kagoshima.

<sup>4</sup> Gagaku é uma manifestação artístico-religiosa que utiliza música e dança, presente em rituais budistas, xintoístas e na cōrte japonesa.

## 1.4 Komusō Shakuhachi ou Fuke Shakuhachi

Durante o Período Edo, foi utilizado como ferramenta religiosa pelos monges Komusō da Seita Fuke. Possui cinco furos para os dedos, assim como o tenpuku e o hitoyogiri, e seu corpo tem sete nós. Sua porção de baixo é fabricada a partir da raiz do bambu e seu corpo é bastante espesso. A utilização da raiz em sua fabricação provavelmente tem uma relação com a flauta *nanxiao*, encontrada no sudoeste da China e em Taiwan. Entretanto, segundo as lendas, a raiz tinha uma finalidade extra-musical: samurais ou ronins disfarçados de Komusō, utilizavam o shakuhachi como arma de combate, e, sendo a raiz mais dura e espessa, teria maior eficácia como porrete.

O Fuke Shakuhachi evoluiu para o Shakuhachi Moderno, descrito no início deste capítulo. O aspecto visual de ambos é muito similar, com pequenas mudanças no tamanho e posição dos furos, formato interno do tubo, afinação, etc., que ocorreram em função da adaptação do instrumento à demanda profissional dos músicos dos dias atuais.



## 1.5 Outras variedades

Além dos membros tradicionais da família do shakuhachi, mencionados anteriormente, há novos instrumentos que surgiram no século XX e XXI. Entre eles, estão o shakuhachi de seis, sete e até nove furos; o Okuraulo, instrumento híbrido, de metal, cujo bocal tem o formato do shakuhachi e o corpo do instrumento é baseado no da flauta transversal; e o Metal Shakuhachi, em que não apenas o material utilizado na sua fabricação foi modificado, como também o tamanho e formato dos furos, ângulo de corte do bocal, etc., com o objetivo de se obter um som mais estável e intenso.

Cada membro da família do shakuhachi foi utilizado em épocas e contextos diferentes. Aquele que mais se difundiu dentro e fora do Japão foi o Shakuhachi Moderno, descendente direto do Komusō Shakuhachi, utilizado originalmente como ferramenta religiosa, conforme a seguir.

## 2. O shakuhachi e a espiritualidade

É bastante comum entre aqueles que ouvem o som do shakuhachi, mesmo sem conhecer previamente sua história, despertar um sentimento espiritual, relacionado à meditação. Na verdade, a relação entre o shakuhachi e a espiritualidade está presente em sua história, e é uma das causas que o levaram a se tornar um dos instrumentos japoneses mais difundidos pelo mundo.

## 2.1 Documentos, personagens históricos e lendas

A espiritualidade na história do shakuhachi é repleta de mistérios, de lendas que se confundem com fatos, e constantes mudanças no seu contexto cultural.

Um exemplo da relação entre o shakuhachi e a espiritualidade na Antiguidade, é a lanterna de bronze octogonal, posicionada à frente do Salão do Grande Buda do Templo Tōdai-ji, em Nara. Em um dos seus oito lados há a figura de um Bodhisattva tocando shakuhachi.



Bodhisattva tocando shakuhachi.

Além disso, essa relação entre o shakuhachi e o budismo também é encontrada em narrativas lendárias, como o caso do monge Ennin (794-864), que utilizava o shakuhachi durante rituais de recitação de sutras para o Buda Amida.

Durante a Idade Média, é bem conhecido que, o monge zen budista e poeta Ikkyū (1394-1481) tocava shakuhachi, além de ter escrito sobre a flauta em suas obras. Famoso por sua excentricidade, Ikkyū era apaixonado pelo som do shakuhachi.

Quando Ton'ami sopra o shakuhachi, até mesmo deuses e demônios se comovem. Não há neste mundo ninguém que se compare (a ele). Todos os fenômenos do universo estão contidos neste som (...)

Nas palavras de Ikkyū fica claro sua admiração pelo músico Ton'ami<sup>5</sup>, e uma relação entre o shakuhachi e a espiritualidade zen budista, ao declarar que “todos os fenômenos do universo” estão contidos no som do shakuhachi. A concepção de que a totalidade está contida no som do shakuhachi também é expressa pelo termo *ichion jōbutsu*, conforme será explicado no capítulo 2.3.

Além do budismo, já houve uma relação entre o shakuhachi e o xintoísmo. Embora existam poucas informações a esse respeito, o shakuhachi foi utilizado juntamente com o Dengaku, uma expressão artística ligada à religião nativa do Japão. Ele também foi empregado em outras manifestações, como o Sarugaku, cujas origens estão no Sangaku importado da China, e que posteriormente se desenvolveu no Teatro Noh.

Retornando ao contexto budista, ainda na Idade Média, é fato conhecido que muitos monges cegos tocadores de Biwa<sup>6</sup>, chamados Biwa-hōshi, tocavam shakuhachi. Eles surgiram entre os períodos Heian e Kamakura (1185–1392), utilizavam a Biwa como acompanhamento para entoar sutras e textos épicos. No mesmo período, vageavam pelas ruas com seus shakuhachi os Komosō, monges de classe baixa. Eles utilizavam esteiras de palha para dormir e tocavam em troca de donativos.

5 Músico mencionado também nos escritos Taigen-sho (1512, 1516), de Toyohara-no-Muneaki (1450-1524).

6 Instrumento com formato de pêra, de 4 ou 5 cordas, que são batidas, beliscadas e friccionadas por um plectro.

Dessa forma, é possível observar que desde a Antiguidade à Idade Média, personagens como Ennin, Ikkyu, os Biwa-hōshi e os Komosō, bem como a utilização do shakuhachi no Dengaku e Sarugaku, são retratos do aspecto religioso que o shakuhachi tinha na época.

Entretanto, de todos os personagens ligados ao shakuhachi e à espiritualidade, os mais famosos, e que entraram para o imaginário popular e se tornaram um ícone da cultura feudal japonesa, são aqueles que sucederam os Komosō, e ficaram conhecidos como Komusō<sup>7</sup>.

## 2.2 A Seita Fuke e a tradição do Honkyoku

Os Komusō eram monges que faziam parte da Seita Fuke, uma ramificação da linhagem Rinzai do Budismo Zen, que se estabeleceu no Período Edo. A utilização do shakuhachi durante suas peregrinações e práticas religiosas, bem como o uso do chapéu Tengai, que tinha o formato de um cesto, cobria seus rostos e os isolavam do mundo, eram itens que faziam parte da identidade do grupo.



Komusō, durante o World Shakuhachi Festival, em 2012.

Tais monges desfrutavam de privilégios concedidos pelo governo, tal como poder viajar e percorrer as estradas do Japão livremente durante suas peregrinações - algo que não era permitido a qualquer cidadão na época. Além disso, eles tinham o monopólio sobre o uso do instrumento, não sendo permitido a qualquer pessoa tocar shakuhachi. Entretanto, há registros de que tal proibição não era efetiva, uma vez que muitos desses monges ensinavam shakuhachi para não-clérigos e até mesmo expediam títulos e certificados, com objetivos econômicos.

Na verdade, a análise de documentos históricos leva a crer que a Seita Fuke surgiu entre samurais, e sua origem monástica era um tanto questionável. Uma vez que cobriam seus rostos com o chapéu Tengai, alguns Komusō eram utilizados como espiões e haviam entre eles até criminosos, tornando a imagem desses monges ainda mais obscura. Um dos motivos que levam à desconfiança de que os Komusō eram samurais disfarçados é o fato de que a Seita Fuke não realizava certos serviços religiosos, tal como o funeral - algo impensado para um monge budista.

Nesse período, o shakuhachi era concebido como “ferramenta religiosa” e não como instrumento musical. Essa aura espiritual se estendia também às suas peças e lendas.

A origem mitológica da Seita Fuke no Japão está relacionada ao retorno do monge Kakushin (1207-1298) da China, e às origens da peça Kyorei (Sino Vazio). No escrito Kyotaku Denki Kokuji Kai,

<sup>7</sup> Komosō 薦僧 (Monges Esteira de Palha), Komusō 虚無僧 (Monges do Vazio).

de 1795, consta a seguinte explicação.

Durante a Dinastia Tang, vivia na China um monge de alto patamar do Budismo Zen, chamado Fuke. Ele realizava peregrinações tocando um sino, cuja sonoridade mística chamava a atenção de todos. Certa vez, um homem chamado Chōhaku, encantado pelo sino, decidiu imitar aquele som utilizando uma flauta de bambu, que ele próprio fabricou. A partir do som da flauta de Chōhaku nasceu a peça Kyorei, assim como também toda a tradição da Seita Fuke.

Muito tempo se passou, quando, no século XIII, Kakushin estava aprimorando seus estudos do budismo na China. Nesse período, a Seita Fuke já estava aos cuidados do seu 16º Patriarca, o monge Chōsan, de quem Kakushin recebeu os ensinamentos budistas, herdando dele a tradição do shakuhachi e da peça Kyorei. Kakushin retornou ao Japão em 1254, no Período Kamakura, e passou a transmitir os conhecimentos aprendidos de seus mestres, juntamente com a tradição do shakuhachi.

Na história mais recente, Kyorei foi transmitida no Templo Myōan-ji, localizado em Quioto. Até hoje, Kyorei é reverenciada como uma das mais antigas peças da tradição Komusō, e, juntamente com Mukaiji<sup>8</sup> e Kokū<sup>9</sup>, é conhecida como uma das Três Peças Tradicionais<sup>10</sup> do Shakuhachi.

As origens das peças Mukaiji e Kokū estão relacionadas com Kichiku, discípulo de Kakushin. Durante uma viagem de peregrinação na cidade de Ise, enquanto descansava no alto da montanha Asama, Kichiku acabou cochilando. Durante um sonho misterioso ouviu duas músicas de beleza esplendorosa. Quando acordou, resolveu tocar essas duas músicas com o shakuhachi.

A música que Kichiku ouviu mediante uma visão da neblina que pairava sobre o mar, recebeu o nome de Mukaiji. E a música que ele ouviu a partir da visão da névoa que se dissipou diante do céu vazio, recebeu o nome de Kokū.

Essas três peças foram transmitidas oralmente pelos Komusō, e difundidas em diversas regiões do Japão. Nesse processo de transmissão, tal como ocorre comumente na tradição oral, as melodias foram sendo alteradas, dando origem a novas peças. Ao todo, estão catalogadas cerca de 150 peças, a maioria para shakuhachi solo. Esse repertório é conhecido como Koten Honkyoku.

A Seita Fuke existiu até outubro de 1871, quando foi proibida pelo Governo Meiji, durante o processo de modernização do Japão. Nesse período, diversos aspectos da cultura feudal estavam sendo abandonados, e o Japão passou a absorver a cultura ocidental, em um processo crescente, que o transformou, de um país relativamente isolado do mundo, a uma potência mundial no Século XX. Retornando à história do shakuhachi, dez anos após a abolição da Seita Fuke, foi permitida a criação da Associação Religiosa Myōan, em 1881, herdeira das tradições dos Komusō. E, em 1959, foi restaurada a Seita Fuke, como uma organização religiosa juridicamente formalizada.

8 Mukaiji é escrita com os ideogramas de “névoa” 霧 e “mar” 海. “Ji” 篋 se refere a uma antiga flauta chinesa.

9 Kokū é escrita com os ideogramas “vazio” 虚 e “céu” 空.

10 Original: Koden Sankyoku 古伝三曲.

## 2.3 O novo contexto do shakuhachi no Japão

Com a modernização do Japão a partir da Era Meiji, o shakuhachi passou a ser praticado cada vez mais fora do contexto religioso. Fez do koto e do shamisen seus dois companheiros de palco - aliás, essa prática já acontecia no Período Edo. Posteriormente, o shakuhachi passou a interagir com instrumentos ocidentais e de outras culturas ao redor do mundo.

A partir da década de 1920, compositores, cujo berço foi a música tradicional, passaram a incorporar em suas obras elementos da música ocidental, tal como Michio Miyagi, Yoshida Seifu, entre outros. Esse movimento ficou conhecido como “Nova Música Japonesa”. Posteriormente, na década de 1960, ocorreu um fenômeno conhecido como o “Boom da Música Contemporânea dos Instrumentos Tradicionais Japoneses”, que se caracterizou pela criação de obras de compositores japoneses, com formação na música ocidental, e que passaram a escrever para instrumentos tradicionais, tal como Toru Takemitsu, Miki Minoru, Akira Ifukube, entre outros. Além disso, esse período ficou marcado pelo surgimento de grandes virtuosos. O Shakuhachi Sanbon-kai, trio formado por Katsuya Yokoyama, Aoki Reibo e Yamamoto Hozan, criado em 1964, foi um ícone dessa época. No mesmo ano, foi fundada a orquestra de instrumentos tradicionais Nihon Ongaku Shudan (Pró-música Nipponia).

Paralelamente, o mundo espiritual do shakuhachi se reiventava. Além da restauração da religiosidade em torno da Myōan, conforme mencionado anteriormente, o monge Watazumi (1911-1992) estava em plena atividade. Excêntrico e genial em sua performance com o shakuhachi, desenvolveu uma forma única de se tocar o Koten Honkyoku, que, aliás, passou a chamar de Dōkyoku<sup>11</sup>. Watazumi buscava criar um tipo de religiosidade em torno do shakuhachi, que denominou de “Caminho de Watazumi”. Dessa forma, a resignificação da espiritualidade do shakuhachi ocorreu com bastante força na história recente.

Segundo Mau (2014:115-119), foi também no século XX, que a palavra *suizen*, cujo significado é “soprar zen” ou “sopro zen”, passou a ser utilizada. O *suizen* é uma prática de meditação, que busca atingir a unidade com o shakuhachi, e o caminho do Buda. Esse ideal é sintetizado no *ichion-jōbutsu*, termo budista que faz parte do mundo do shakuhachi e pode ser entendido como “atingir a iluminação por meio do som”. Dessa forma, o som do shakuhachi, tal como a voz do Buda, carrega consigo o potencial que permite aos seres atingirem o estado búdico.

Além do novo contexto do shakuhachi no Japão, a flauta passou a ser difundida amplamente em diversas regiões do mundo.



Monumento Suizen, Templo Myōan, 2012.

11 Dōkyoku 道曲, escrito com os ideogramas de “caminho” e “peça”, “música” ou “melodia”.

## 2.4 A internacionalização do shakuhachi

O shakuhachi se espalhou pelo mundo em um processo dividido em etapas. Primeiramente, foi levado ao exterior pelas mãos dos imigrantes japoneses, a partir do final do século XIX. Entre aqueles que portavam o shakuhachi, estavam, em sua maioria, amadores e pessoas que tocavam por entretenimento. Dessa forma, o shakuhachi foi introduzido no Continente Americano pelas mãos dos imigrantes e nikkeis.

Posteriormente, profissionais do shakuhachi passaram a realizar concertos e a ensinar o instrumento fora do Japão. Como exemplo desse novo momento, podemos citar Araki Kodo V e Kawase Junsuke III, que, em 1971, lecionaram na Wesleyan University como Professor Convidado. Ou então, o caso de Iwami Baikyoku V (1923-2012), que mudou-se para o Brasil em 1956 e passou a lecionar e realizar concertos de shakuhachi em São Paulo.

A partir da década de 1970 e 80, estrangeiros, em sua maioria sem origem familiar japonesa, passaram a ir ao Japão com o objetivo de estudar shakuhachi, tal como ocorreu com Andreas Gutzwiller, David Wheeler, Riley Lee, Christopher Blasdel, entre outros. No Brasil, há o caso do flautista José Vicente Ribeiro, que estudou com Goro Yamaguchi. E o nikkei Akio Yamaoka, que estudou as tradições da Myōan. Muitos desses tocadores retornaram para seus países, criaram classes de alunos e realizam concertos.

A partir da década de 1990, o shakuhachi começou a se expandir rapidamente pelo mundo, sobretudo com o surgimento de festivais, workshops e eventos de grande porte, que passaram a ser realizados em diversos lugares do mundo. Por exemplo, o Shakuhachi Summer Camp of the Rockies, que ocorre anualmente há mais de vinte e cinco anos em Colorado, nos Estados Unidos. Na Europa, o Shakuhachi Summer School é bienal, organizado pela The European Shakuhachi Society, e cada edição é sediada em um país diferente do continente. Além do The International Shakuhachi Festival Prague, idealizado e organizado pelo compositor/etnomusicólogo Vlastislav Matoušek, pelo tocador de shakuhachi Christopher Blasdel, e por Marek Matvija, tocador de shakuhachi e cineasta. Este evento está em sua 14ª edição e é realizado na República Tcheca a cada dois anos.

Entretanto, o evento de maior destaque, e sem nenhum paralelo no mundo da música japonesa, é o World Shakuhachi Festival. Realizado a cada quatro anos, aproximadamente, sua primeira edição ocorreu em 1994, na cidade de Bisei, Província de Wakayama, Japão. Posteriormente, o festival teve continuidade em outras partes do mundo: Colorado (1998), Tóquio (2002), Nova Iorque (2004), Austrália (1999), Vancouver (2003), Hawaí (2005), Sidney (2008), Quioto (2012) e Londres (2018). Nesses eventos, se reúnem professores, performers, fabricantes, pesquisadores, compositores e amantes do shakuhachi de diversas partes do mundo. Na programação constam concertos, palestras, workshops, concursos, exposição e venda de instrumentos, livros, camisetas e outros materiais. É uma oportunidade de intercâmbio entre tocadores de estilos, repertórios e concepção diversas, e também uma forma de promover a difusão e internacionalização do shakuhachi.

Foi nesse mesmo período que as redes sociais, como o antigo Orkut, e mais recentemente o

Facebook, Instagram e o Twitter, passaram a ser decisivos para o contato com o shakuhachi e a difusão de informações a seu respeito. Além disso, o aprimoramento de ferramentas de videochamada como Skype, Zoom, Google Meet, entre outros, facilitaram o aprendizado à distância. Isso permitiu que o shakuhachi, que outrora somente poderia ser estudado por meio do contato direto e pessoal com um professor no Japão, em alguma Comunidade Nikkei, ou com algum especialista em um local específico, agora pode ser estudado a partir de qualquer lugar do mundo.

E, por último, não se pode deixar de mencionar como parte do processo de internacionalização do shakuhachi, o surgimento de estrangeiros que passaram a atuar como profissionais do shakuhachi no Japão. É o caso dos americanos John Neptune e Christopher Blasdel, ou mais recentemente do russo Pavel Io, do brasileiro Rafael Hiroshi Fuchigami e do americano Shawn Head.

É importante ressaltar que, entre os não-japoneses, o maior interesse no shakuhachi está no repertório Koten Honkyoku, herança dos lendários Komusō. Esse fato está de acordo com os resultados dos estudos de Keister (2004), que apontam a difusão do Budismo Zen no Ocidente, sobretudo a partir da década de 1950, como uma forte influência para o crescente interesse e disseminação do shakuhachi entre não-japoneses. Escritores, estudiosos budistas e líderes religiosos, tais como Alan Watts, Daisetsu Suzuki, Phillip Kapleau, entre outros, deram contribuição significativa para a expansão do Zen no ocidente.

No Brasil, entre os tocadores de shakuhachi que entrevistei durante meu trabalho de campo, a grande maioria associa o shakuhachi à meditação, à natureza e a outros elementos relacionados à espiritualidade ou ancestralidade. As lendas e histórias dos monges Komusō e samurais permeiam a aura do shakuhachi e sua música, e causam fascínio em muitos daqueles que decidem estudar o instrumento. Há muitos casos de brasileiros, sem origem japonesa, que afirmam terem sido japoneses em vidas passadas, ou então que são japoneses nascidos em um corpo de brasileiro. Essas afirmações são, muitas vezes, uma expressão de sentimentos mais profundos, associados diretamente com seu modo de vida e forma de se relacionar na sociedade, influenciados diretamente pela espiritualidade presente no som do shakuhachi.

### 3. Palavras finais

O shakuhachi, outrora concebido como ferramenta religiosa, hoje é um instrumento musical apreciado em todo o mundo. Sem abandonar suas origens espirituais, inúmeros praticantes da arte do shakuhachi recontextualizam e atualizam constantemente sua tradição e espiritualidade.

Informações históricas, entre as quais algumas têm sua veracidade comprovada, e outras são entendidas como lendas, compõem o universo cultural do shakuhachi. Independentemente se as descrições encontradas na tradição são reais ou não; se os Komusō eram monges ou samurais; entre outros mistérios, todo esse fantástico mundo do shakuhachi, permeado pela espiritualidade, se interage com o imaginário dos tocadores e amantes do instrumento. E se tornou um elemento fundamental na difusão e no processo de internacionalização do shakuhachi.

## Bibliografia

Casano, Steven. 2005. "From Fuke Shuu to Uduboo: The Transnational Flow of the Shakuhachi to the West." *The World of Music* 47/3, 17-33.

Fuchigami, Rafael Hiroshi. 2020. "Burajiruni okeru japonejidadesukeiseitoshite no shakuhachigakushū." (ブラジルにおけるジャポネジダデス形成としての尺八学習). The process of learning shakuhachi in Brazil as a construction of Japonesidades. PhD Thesis, Tokyo College of Music)[]

Kamisangō, Yūkō. 1974. "Shakuhachi Gaku Ryakureki: Suizen No Rikai No Tame Ni (尺八楽略史 – 吹禪の理解のために – ). A Brief History of Shakuhachi Music: In Order to Reach an Understanding of Suizen." Tokyo: Nippon Columbia KX-7001-33.

Keister, Jay. 2004. "The Shakuhachi as Spiritual Tool: A Japanese Buddhist Instrument in the West." *Asian Music* 35/2, 99-131.

Kurihara, Kōta. 1918. *Shakuhachi shikō (尺八史考)*. Historical Examination of the Shakuhachi. Tokyo: Chikuyūsha.

Lee, Riley Kelly. 1998. "Yearning for the Bell: A Study of Transmission in the Shakuhachi Honkyoku Tradition." PhD Thesis, University of Sydney.

Mau, Christian Theodore. 2014. "Situating the Myōan Kyōkai: A Study of Suizen and the Fuke Shakuhachi." PhD Thesis, University of London.

Tukitani, Tuneko. 2000. *Shakuhachi Kōten Honkyoku No Kenkyū (尺八古典本曲の研究)*. Research on the Kōten Honkyoku of the Shakuhachi. Tokyo: Shuppan Geijutsu sha.

Ueno, Katami. 2002. *Shakuhachi-shi (尺八史)*. História do Shakuhachi. Tokyo: Geijutsu Sha.

## Vídeos

Música: "Irlandaise"

Compositor: Claude Bolling

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=eKnqLrRlNoY>

Música: "Brasileirinho"

Compositor: Waldir de Azevedo

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=iaUz-fmUgdw>